

**DOSSIÊ 1 - Leitura literária e processos criativos na sala de aula**

**SEVERINOS DO SÉCULO XXI: LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE JOÃO CABRAL E EMICIDA**

**21<sup>st</sup> CENTURY “SEVERINOS”: LITERARY LITERACY FROM JOÃO CABRAL AND EMICIDA**

Ana Luiza Rocha do Valle<sup>1</sup>  
Larissa Andrade Teodoro<sup>2</sup>

1. Doutora em Letras  
Universidade de São Paulo  
E-mail: analuizary@alumni.usp.br  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9248160480511623>  
ORCID: 0000-0002-5826-6608

2. Mestre em Letras  
Universidade Federal de São Paulo  
E-mail: larissata@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6905820094948310>  
ORCID: 0009-0001-3026-3851

**RESUMO:** O trabalho com Literatura nos anos finais do Ensino Fundamental tem como principal objetivo tornar os jovens íntimos do texto literário. O aprendizado, neste caso, não se limita ao desenvolvimento da capacidade de compreender os textos, deve propiciar, também, a possibilidade de viver dialeticamente os problemas de nosso mundo. Partindo desse pressuposto, turmas de 8º ano estudaram *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, em edição da Cia das Letras, adaptada e ilustrada por Odyr. No mesmo período, os alunos estudaram o gênero *rap* e ampliaram seu repertório com as obras de Emicida, Negra Li, Criolo, dentre outros. Entendendo que o gênero é marcado pela denúncia das injustiças presentes em nossa sociedade, os estudantes foram desafiados a escrever um *rap* sobre o tema: “Os severinos do século 21” em homenagem a João Cabral de Melo Neto. Para isso, os “jovens rappers” deveriam compor uma peça polifônica trazendo intertextualidade entre o *rap* de sua autoria e *Morte e vida severina*. As vozes de João Cabral, Odyr e Emicida podem ser ouvidas por meio de um eu lírico severino de nossos tempos. A experiência criativa de composição de *rap* junto ao estudo do poema possibilitou aos estudantes perceberem a força de significado na expressão poética do autor e a atualidade das questões presentes na obra. Expressar de forma polifônica as injustiças vividas pelos deslocados de nosso tempo, irmanados com o Severino de João Cabral, fez com que os estudantes não apenas compreendessem a obra, mas a vivenciassem de forma íntima.

**Palavras-chave:** *Morte e vida severina*; intertextualidade; retirantes; *rap*.

**ABSTRACT:** The primary goal of working with literature in Middle School is to develop a sense of intimacy between students and literary texts. The learning process is not limited to developing reading comprehension; it should also open the possibility of engaging with global issues in a dialectical way. From this starting point, eighth graders studied *Life and Death of Severino* by João Cabral de Melo Neto, published by Cia das Letras in a version adapted and illustrated by Odyr. During the same period, students studied *rap* as a genre, expanding their repertoire with works by artists such as Emicida, Negra Li, and Criolo, among others. Recognizing the genre's power for denouncing social injustices, the students were challenged to write a *rap* on the theme of “21st-century Severinos,” honoring João Cabral de Melo Neto. To accomplish this, the “young rappers” were tasked with composing a polyphonic text that established intertextuality between their *rap* and *Life and Death of Severino*. Through a contemporary lyrical voice, the work incorporates echoes of João Cabral, Odyr, and Emicida. The creative experience of composing a *rap* alongside studying the poem enabled students to perceive the powerful meaning within the author's poetic expression and the continued relevance of the literary work's themes. By expressing the injustices experienced by the displaced people of our time in a polyphonic form, and by aligning João Cabral's *Severino* as a brother to them, the students were able not only to understand the work but to experience it intimately.

**Keywords:** *Death and life of Severino*; intertextuality; rural migrants; *rap*.

## INTRODUÇÃO

Um aspecto de extrema relevância quando se trata do ensino de literatura na educação básica é a formação do leitor literário. Nos anos finais do Ensino Fundamental, na maioria das instituições, o processo de letramento especificamente relacionado à literatura é conduzido pela professora de Língua Portuguesa. Tornar-se um leitor literário passa pela decodificação da escrita, mas vai muito além dela e do aprendizado de conceitos. Envolve hábitos, práticas, socializações e afetos que precisam ser potencializados pela escola. Propomos, por meio de um relato de prática articulado com algumas de suas bases teóricas, que a formação de leitores literários passa pela experiência criativa de escrever literatura. Para além de aprimorarem as próprias habilidades de escrita, produzir literatura demanda pensar sobre o que ela é, sobre o que há de particular nesse uso da linguagem.

O trabalho aqui relatado foi parte de uma sequência didática conduzida por uma professora da disciplina de Língua Portuguesa em turmas de 8º ano, e partiu do estudo do poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. A obra foi lida pelos alunos em edição ilustrada pelo artista plástico Odyr, publicada pelo selo Quadrinhos na Cia, da Cia das Letras. A leitura do livro ocorreu concomitantemente ao estudo do gênero *rap*, em que os alunos conheceram e analisaram obras de Emicida, Negra Li, Criolo, dentre outros. Entendendo que o gênero musical é marcado pela denúncia das injustiças presentes em nossa sociedade, os estudantes foram desafiados a escrever um *rap* sobre o tema “Os severinos do século 21”, em homenagem a João Cabral de Melo Neto. Para isso, os “jovens *rappers*” deveriam compor uma peça polifônica, trazendo intertextualidade entre o *rap* de sua autoria e o poema *Morte e vida severina*. Este trabalho resultou em textos em que as vozes de João Cabral, Odyr e Emicida podem ser ouvidas por meio de eus líricos que são severinos de nossos tempos: um refugiado, um migrante ou um deslocado em busca de um lugar em que *a vida possa ser mais vivida que defendida*. Esse artigo relaciona essa experiência pedagógica com questões teóricas e reflexivas sobre a formação do leitor literário, o papel da professora de Língua Portuguesa neste objetivo e as questões de polifonia e intertextualidade inerentes a este e a outros trabalhos com o texto literário.

Pensar a literatura na escola é algo que se atrela invariavelmente a decisões pedagógicas e possibilidades de trabalho que são atravessadas por diferenças nas fases do desenvolvimento de crianças e adolescentes, e por demandas curriculares e de competências e habilidades, determinadas inclusive por documentos legais. O que se entende por literatura no ciclo em que atuamos – anos finais do Ensino Fundamental – não é o mesmo que se entende por literatura no Ensino Médio. Tanto que a imensa maioria das escolas não tem aulas de Literatura como uma disciplina separada, ainda que estejam presentes no trabalho de Língua Portuguesa, em todos os anos deste ciclo, textos literários.

A questão da formação do leitor literário aparece, na legislação brasileira, na forma de competências e habilidades no documento que define “O conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver na Educação Básica” – A Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (BRASIL, 2018).

Tomemos as competências gerais da educação básica, aquelas que são o objetivo de todo o processo educacional, não sendo específicas de um componente. Destaquemos a Competência 3, “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 9). O documento coloca como objetivo que as experiências escolares gerem a capacidade de fruição, ou seja, no caso da área de literatura, a possibilidade de um relacionamento prazeroso com o texto literário. Sob essa perspectiva, ensinar a ler literatura deve possibilitar o amadurecimento de faculdades que permitam a leitura do texto com e por prazer, o que está ligado à experiência estética e à sensibilidade. Parte-se do pressuposto de que isso é passível de aprendizagem, logo, é passível de ensino. Ensinar um gosto, uma vontade, uma possibilidade de prazer e mesmo de desejo.

Em “Eros, erotismo e o processo pedagógico”, bell hooks nos chama a atenção para a tendência de negar a paixão no ensino superior:

Mesmo onde estudantes estão desesperadamente desejando ser tocados pelo conhecimento, professores e professoras ainda têm medo do desafio, ainda deixam que suas preocupações sobre perda de controle prevaleçam sobre seus desejos de ensinar. Ao mesmo tempo, aqueles e aquelas de nós que ensinamos os mesmos velhos assuntos das mesmas velhas maneiras estamos, muitas vezes, intimamente aborrecidos - incapazes de reacender paixões que um dia poderíamos ter sentido. (HOOKS, 2000, p. 120).

O quanto nós, da educação básica, lidamos com essa mesma demanda? O afeto costuma ser preconizado até mesmo em documentos oficiais, quando se trata de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dos anos finais do Ensino Fundamental em diante, não raro essa valorização do afeto desaparece ou diminui. Porém, é desejável que a professora de Língua Portuguesa dessa fase da escolarização também seja entusiasmada e apaixonada por literatura. Esta expectativa dificilmente seria negada, ao menos no âmbito das salas de professores e eventos formativos e de reflexão sobre a profissão. Mas afeto, desejo e prazer, no contexto do ensino institucionalizado, são também circundados por censuras silenciosas, esbarram em limites não ditos. Há de se escolher com cuidado. Há de se expressar uma certa “neutralidade”. Há de se evitar temas polêmicos. E o que se chama de polêmico, muitas vezes, é justamente o que pode mover de forma apaixonada. É possível trabalhar de forma apaixonada com a demanda constante de

uma postura “neutra”? A formação de leitores não pode ter êxito em uma demanda de neutralidade. A literatura não é ingênua. Nas palavras de Antonio Candido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso, é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Então, a professora deve escolher aquilo de que ela possa falar com paixão e enredar os estudantes por uma experiência mais próxima à fruição, ao mesmo tempo que, sem negar sua criticidade, escolhe obras que escapem a algum grau de censura - seja por parte de instituições de ensino ou das famílias - sobretudo em tempos de ascensão mundial da extrema direita (MELO, 2020). A obra literária precisa ter um selo que a proteja de reprimendas, sem tirar seu poder de nos conduzir à vivência dialética de que fala Candido. Na sequência de atividades aqui relatada, a obra escolhida pela professora é *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. O poema que a move com paixão tem o selo de “clássico”, de cânone, do poeta engenheiro, alcunha que também pode ser um escudo.

A edição escolhida para o estudo da obra cabralina com as turmas de oitavo ano atende, ao mesmo tempo, à já mencionada necessidade de escudo, por um lado, e à busca por estímulos ao pensamento dialético, por outro. As ilustrações de Odyr ampliam os sentidos da obra, trazendo imagens que remetem a outros tipos de retirantes, como refugiados e migrantes que lutam pela sobrevivência em diferentes fronteiras do mundo. O estudo do gênero *rap*, em paralelo, complementa e complexifica a experiência leitora, adicionando camadas às discussões e reflexões sobre injustiças sociais no Brasil e no mundo.

A experiência criativa de composição de *rap* junto ao estudo do poema possibilitou aos estudantes perceberem a força de significado na expressão poética do autor e a atualidade das questões presentes na obra. Expressar de forma polifônica as injustiças vividas pelos deslocados de nosso tempo, irmanados com o Severino de João Cabral, fez com que a obra fosse não apenas compreendida, mas vivenciada de forma íntima, o que abre espaço para a fruição e potencializa a vivência dialética, ambas mencionadas nos parágrafos anteriores.

### O cânone em foco: *Morte e vida severina*

Em *Escritores, intelectuais, professores* (1975), Barthes trata do conflito de quem quer que se disponha a falar em situação de ensino. Há de se escolher entre duas possibilidades. Uma delas

é entrar em uma encenação em que o locutor (entenda-se aqui, professor ou professora) escolhe transvestir-se do papel de autoridade que a sua posição lhe permite. Nesse caso, segundo Barthes, a professora é aquela que “fala bem”, ou seja, que faz o que se espera da fala professoral e produz um discurso claro, pautado na autoridade que o conhecimento relativo à disciplina ministrada e o cargo que assumiu lhe conferem. Ela é muito similar àquela professora descrita por bell hooks em texto já citado, a que evita paixões ou afetos por medo de perder o controle. Segundo Barthes, a pessoa que ocupa esse lugar pode fazer uma outra opção, a de entrar na *infinitude da linguagem*. Nessa percepção, a linguagem não é reduzida à mensagem, mas torna-se a coisa em si. O *falar sobre* pode tornar-se o próprio objeto de ensino, tomando o lugar daquilo sobre o que se fala. Qual seria a relevância da fala professoral, aquela que, se apoiando em seu título acadêmico, seus conhecimentos, sua posição de professora, explica o texto a quem está no papel de estudante-plateia? O quanto esse papel de fato traz de contribuição para o processo de formação de leitores autônomos e engajados com a literatura? Nosso objetivo de encantamento, que é ainda mais audacioso do que a própria meta de dar a conhecer, não permite essa opção.

A explicação sobre o texto cede lugar ao jogo da conversa sobre o texto. Na sala de aula do ensino fundamental, a professora é, sem dúvida, a leitora mais experiente e pode conduzir o jogo. Contudo, ela não precisa e não deve cancelá-lo em nome da voz professoral: é necessário que as outras participantes da encenação da aula, as pessoas de treze e quatorze anos do oitavo ano, se percebam também leitoras da obra. A professora, no caso, está mais próxima à operadora de luzes de um teatro, que direciona o olhar e a atenção para aspectos do texto que sua experiência leitora e seus conhecimentos acadêmicos contribuem para selecionar. Tal atitude evita o silenciamento de plateia decorrente da fala professoral. Os estudantes são também atores no papel de leitores. Essa dinâmica tem se mostrado mais adequada para o objetivo delicado de despertar afetos, e é potencializada por atividades que permitam aos jovens leitores experimentar também o papel de escritores.

Na essência, o corpo é leitor fruidor da experiência intelectual compartilhada. Não há explicação que dê conta de formar leitores. É preciso haver espaço para as sensações. Como ensina o poeta Manoel de Barros, “poesia não é para compreender, é para incorporar” (BARROS, 2010, p. 178.). Quão pretensiosas podemos ser, nós professoras de leitura, no processo de ultrapassar a fronteira da compreensão no diálogo com o texto literário? Não se trata exatamente de ensinar, sobretudo no sentido mais prevalente em tantas escolas tradicionais, o de “transmitir” ou fazer compreender determinado conteúdo. O que se almeja é formar um hábito e, mais ainda, fomentar um prazer e mesmo reconhecer um desejo: o de ler.

Para além de querer que amem a leitura como amamos e que tenham prazer nela, buscamos oportunizar encontros com as obras literárias que acionem seu potencial humanizador. Conforme escreveu Antonio Candido (2004, p. 175), a literatura é “proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”. Em mais de um de seus textos, o crítico indica como a literatura, ao organizar as palavras de uma determinada forma, possibilita a quem lê uma organização de si e de sua visão de mundo. Diante da “construção de objetos autônomos, com estrutura e significado”, a pessoa que lê tem a oportunidade de acessar esses caminhos de articulação entre forma e conteúdo, ao mesmo tempo, em que acessa uma pluralidade de formas de expressão, de emoções e visões de mundo de diversos indivíduos e grupos. Promover o desejo pela leitura é, então, estimular a vontade de conhecimento do mundo, ampliar possibilidades de incorporação de conhecimentos e percepções, inclusive de forma “difusa e inconsciente” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Ancora-se em todas essas considerações apresentadas acima a proposta pedagógica relatada e analisada aqui. Diante delas, compreende-se a importância de oportunizar uma via afetiva para que jovens em processo de letramento literário possam acessar um texto complexo como *Morte e vida severina* com curiosidade e disposição para a reflexão. De partida, a escolha da edição e dos materiais complementares à leitura já se alinha à ideia supracitada do jogo da conversa sobre o texto, que prevê participação ativa dos estudantes na construção coletiva de sentidos.

A edição selecionada de *Morte e vida severina*, por si só, já pode ser considerada uma releitura da produção canônica, já que o texto é adaptado e ilustrado por Odyr. A informação de que se trata de uma adaptação é trazida na capa, embora o texto original também esteja presente no livro. Não há propriamente uma alteração do texto, e sim uma seleção de versos. A despeito do que por vezes supõe o senso comum sobre obras adaptadas, aquelas que são produzidas com seriedade e respeito pelo original e pelos leitores não reduzem nem simplificam o original. É o oposto: como ocorre no caso da edição adaptada e ilustrada por Odyr, as boas adaptações de modo geral ampliam as possibilidades interpretativas e as camadas de complexidade de um texto literário. No caso estudado aqui, as ilustrações acompanham boa parte dos versos da versão integral e, ao final do livro, há a transcrição do poema na íntegra. Odyr traz imagens que remetem a dramas contemporâneos de deslocados do mundo, marcados por exclusão social, tragédias ambientais e acirramento de fronteiras. Como exemplo, vejamos os versos iniciais em que Severino se apresenta,

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas  
e iguais também porque o sangue,  
que usamos tem pouca tinta. (MELO NETO, 2024, p. 14-16)

Na edição utilizada, o trecho acima divide as páginas com imagens de imigrantes amontoados em botes precários, misturados uns aos outros quase como que sem rosto definido, no que podemos entender como sendo o Mediterrâneo. Em uma das imagens, há imigrantes dentro e fora do bote, caindo no mar, tentando se manter na embarcação por meio das mãos dos que ainda estão dentro e os seguram. Os versos e as imagens se completam e o sentido de “Severino” é ampliado. Severino não é apenas o retirante saído da *Serra da Costela* em direção a Recife. Severinos são os imigrantes com vistos negados, as pessoas que enfrentam travessias precárias e arriscadas, as mulheres que caminham famintas pelos desertos, homens e mulheres atravessando rios em fronteiras, crianças separadas de seus cuidadores, enjauladas.

Como elementos para evidênciação da intertextualidade contida na obra, foram apresentadas aos estudantes notícias relacionadas aos temas presentes nas imagens do livro. Assim, o universo de exclusões acionado por Odyr na releitura do poema foi apresentado aos alunos em suas muitas camadas. É essa a primeira provocação de compreensão da obra, o convite a assimilar seu teor crítico. Entendê-la como denúncia. Do ponto de vista do aprofundamento no tema do refúgio, a proposta se valeu de uma parceria com o professor de Geografia da mesma escola, que trabalhou a temática sob a perspectiva de sua própria disciplina, estudando fluxos migratórios.

O segundo nível de compreensão do texto de Odyr, no entanto, nos leva de volta ao campo da disciplina de Língua Portuguesa e da ideia de letramento literário. Isto porque passa por perceber que essa denúncia não é feita com quaisquer palavras. A força da palavra na poesia é potente no despertar da indignação diante das exclusões. Os estudantes foram, então, convidados a refletir em profundidade sobre os versos e sobre as imagens. A entender que essa vida mais defendida do que vivida não deveria ser considerada algo natural, esperado. Não traz em si a dignidade humana. E assim, o livro na sala, em seu protagonismo, tem seu lugar com as palavras escritas dos versos e as imagens coloridas dispostas a cada página. Como na página 9, em que a imagem, que ocupa um pouco mais de meia página, na parte superior do papel, traz a figura de um homem magro começando pela parte final de seu queixo, um homem sem rosto em uma paisagem marcada de tons ocres que nos transporta para a cena árida que emoldura a primeira parte do poema, a parte do sertão e da caatinga. A fala desse homem são os primeiros versos: “O meu nome é Severino / não tenho outro de pia” - dispostos em meio à parte inferior do papel branco. A professora, mestre da iluminação, joga luz para o rosto inexistente, para o espaço em branco, estimula a observação, o questionamento.



Embora o conteúdo não seja o centro, há determinados conceitos que devem aparecer em nossas aulas. A professora chama, então, a atenção dos estudantes: “Vejam essa antítese usada por João Cabral de Melo Neto, vejam a métrica, vejam a sinestesia, vejam! Reparem!”. Detendo a luz focada no objeto cênico livro, a professora ilumina a sequência de páginas de 14 a 19, a que, em meio a azul de céu, que ora se confunde com azul do mar, traz os versos:

Somos muitos severinos/ iguais em tudo na vida:/ na mesma cabeça grande / que a custo é que se equilibra,/ no mesmo ventre crescido/ sobre as mesmas pernas finas,/ e iguais também porque o sangue/ que usamos tem pouca tinta./ E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida,/ morremos de morte igual,/ mesma morte severina:/ que é a morte que se morre/ de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte,/ de fome um pouco por dia. (MELO NETO, 2024, p. 14-19)

Ao apresentar os conceitos linguísticos de gradação e antítese, foi feita a provocação sobre o poder de comunicação da imagem poética, que se faz a partir da junção da palavra “velhice” com a expressão “antes dos trinta”. Forma e conteúdo são analisados simultaneamente com a indagação sobre a força expressiva do poema ao longo de toda a leitura. Na meia página, com corte vertical, há uma mulher que, em um primeiro olhar, identificamos como uma velha. Mas com a luz focada na parte inferior da imagem, percebemos quatro cabeças humanas, que, pela disposição, pelo tamanho e não pela expressão indefinida, reconhecemos como crianças. Se essa mulher é a mãe dessas crianças, ela não pode ser velha. Talvez tenha menos do que trinta anos. E sua velhice é da experiência da miséria, e não dos anos vividos, o que condiz com os versos.

Fica evidente, por meio das análises, do foco de luz que conduz o jogo da conversa sobre a obra, que Odyr também é autor. O texto verbal é de João Cabral, mas as imagens oferecem ampliações de sentido, expandem a escrita. O tema que em Geografia é esmiuçado e apreendido pela via cognitiva, nas aulas de Língua Portuguesa aparece organizado em estrutura estética. Acrescenta-se, assim, à compreensão racional sobre refugiados e migrantes, a sensibilização quanto a suas mazelas. A potência da edição escolhida está no que já foi mencionado anteriormente, quando citamos Antonio Candido: articulação entre forma e conteúdo, pluralidade de manifestações de emoções e visões de mundo. Ainda com o mesmo crítico literário, lembramos: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2004, p. 180)

A confusão da expressão “o semelhante” na disputa narrativa das políticas anti-imigração é um signo do nosso tempo. Compreender o semelhante, amar o próximo, toma outro significado. O próximo é aquele que nasceu próximo de mim,

da minha família, dos meus valores. O semelhante é apenas aquele que se parece comigo da forma mais direta e óbvia possível. Nas atividades do curso de Língua Portuguesa, em parceria com o que aprenderam em Geografia, os estudantes do oitavo ano têm a possibilidade de ampliar esse raio de proximidade, de complexificar a noção de semelhança. Assim, o texto poético que inicialmente pode ter parecido muito difícil ou distante torna-se, ele também, próximo. Com o apoio do jogo de luzes orquestrado pela professora, mas também com espaço para pontuações e questionamentos dos vários atores colegas, os estudantes mergulham na obra, em sua potência, e consolidam sua relação com a leitura literária a cada movimento, cada observação e conexão.

### O trabalho com o rap

A primeira aproximação do gênero em sala de aula foi com a audição do *rap Junto e Misturado*, de MV Bill. Após a audição, os alunos leram a letra do *rap* no livro didático *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2019, p. 58). Algumas questões orais e escritas foram propostas para os alunos, com considerações sobre a forma e a temática do gênero. Na letra do *rap*, há a exaltação do sucesso decorrente do talento da parceria e a crítica a quem tem inveja e não é solidário no propósito. Há um enaltecimento da união, da soma de forças, como aparece nos versos do refrão: “Tamo junto! / O bonde tá formado, eu sou um elo da corrente que é ruim de quebrar / Tamo junto!”. Na voz de K-mila, irmã do MV Bill que canta em parceria com ele, há ainda a valorização do sucesso obtido por meio do engenho e não da exploração do corpo, de acordo com os versos: “Sou mais um elo da corrente / Que pra aparecer não mostra o corpo usa a mente / Propago a paz, sei que sou capaz de superar / O cérebro atrofiado que atravessar minha caminhada”.

A segunda audição de *rap* contemplou *Minha rapunzel tem dread* (MC SOFFIA, 2016). A letra também foi apresentada pelo livro didático (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2019, p. 62). O tema abordado é relacionado ao estereótipo do belo e à valorização da beleza da menina negra. O livro informa que o *rap* foi produzido quando Soffia tinha 12 anos. Esse dado busca aproximar estudantes e artista por meio da faixa etária. Também com esse texto trabalhamos a intertextualidade, ao relacionar a referência que a letra faz ao usar como figura portadora de beleza a personagem *Rapunzel*, que comumente é representada com longuíssimos cabelos loiros.

Além dos textos trazidos pelo livro didático, como atividade de ampliação do repertório, uma *playlist* foi apresentada aos alunos com algumas referências ao *rap* nacional: *Passarinhos* (EMICIDA, 2015) e *Principia* (EMICIDA, 2019); *Não existe amor em SP* e *Subirusdoistiozin* (CRIOLO, 2011); *Nova ordem* (RASHID,

2010); *Black Money* (NEGRA LI, 2024); *Luz* (BARBOSA, 2019), além das duas canções já citadas. A seleção foi feita pela professora, que procurou trazer referências atuais com letras que não tivessem conteúdo que pudesse ser considerado inadequado para a faixa etária. Por isso, as músicas dos Racionais MCs não entraram na *playlist*, na qual figurariam com letra integral, mas foram mencionadas em aula como referência importante, e alguns trechos foram trabalhados. Vários alunos conheciam o grupo.

Os alunos foram orientados a escutarem as músicas, prestando atenção nas letras. A partir da audição, deveriam escolher uma letra para uma análise mais detalhada de questões recorrentes no gênero, como: crítica apresentada, identificação do artista com o eu lírico, marcas de interlocução com os ouvintes, marcas de variedade linguística típica das periferias urbanas, referências culturais (personagens históricos, literários, artistas, ativistas, etc.). Também foi pedido que os alunos destacassem formas de ampliação da expressividade linguística, como o uso de figuras de linguagem e recursos sonoros como aliteração, assonância e rima. A atividade de análise também convidava o aluno a compartilhar seu repertório individual no gênero, mencionando outros artistas de *rap* ou outro gênero nacional que poderiam fazer parte da *playlist*, levando em conta o tema de teor crítico da canção. Muitos alunos citaram Racionais MCs e canções que denunciavam o racismo e a violência.

Com esse material, foram estudadas as características gerais do gênero e específicas de alguns artistas. Com cuidado para não reduzir as possibilidades do gênero, como recurso didático, e para que os alunos pensassem em questões importantes para o desafio de criar um *rap* de própria autoria, usamos as delimitações trazidas pelo livro didático na seção intitulada “da observação para a teoria”:

O gênero textual *rap* é um texto oral produzido para ser declamado, como um discurso, sobre um fundo musical. É caracterizado, sonoramente, pela presença de rimas e contém marcas das variedades linguísticas que costumam ser usadas por jovens das periferias urbanas. De maneira geral, os temas dessas produções relacionam-se às experiências desses jovens. O arranjo da música que acompanha a letra do *rap* é, em geral, bastante simples. O texto pode ser apresentado à capela (sem acompanhamento musical) ou vir acompanhado por sons produzidos com a boca e o nariz ou, ainda, por uma base montada eletronicamente ou por instrumentos.

(ORMUNDO e SINISCALCHI, 2019, p. 62, grifo no original)

Como indicado na citação de Antonio Candido apresentada em nossa introdução, o convite literário a lidar dialeticamente com os problemas é potencializado quando nos defrontamos tanto com as obras sancionadas quanto com as proscritas. Tanto com as que foram canonizadas quanto com as que “nasce[m] dos movimentos de negação do estado de coisas predominante”

(CANDIDO, 2004, p. 175). No caso do gênero *rap*, a negação do estado de coisas predominante é constitutiva do gênero, ainda que nos últimos anos ele esteja sendo reconhecido como manifestação cultural muito relevante também pelas instâncias oficiais, inclusive as tradicionalmente mais conservadoras, como os exames vestibulares. No caso da BNCC, que legalmente norteia o trabalho na educação básica, há até mesmo competências e habilidades específicas dos cursos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Finais que podem ser facilmente associadas ao estudo do *rap* como gênero. Para ficar em dois exemplos, citamos a EF69LP44 e a EF69LP49, a saber:

EF69LP44 - Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

EF69LP49 - Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (BRASIL, 2018, p.)

O trabalho com o *rap* como expressão artística e literária vincula-se facilmente às duas habilidades apresentadas acima, assim como ao que preconiza Antonio Candido, no sentido em que a forma poética periférica amplifica a voz de denúncia. O gênero musical carrega em si os valores e visões de mundo indicados pela EF69LP44, e explorá-lo enquanto literatura potencializa as “formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas” valorizadas pela habilidade em questão.

### O leitor literário como sujeito criativo

A primeira produção no gênero *rap* proposta trazia como situação enunciativa um festival de música da escola sobre a cidade de São Paulo. A orientação de escrita pedia um *rap* apresentando um olhar crítico sobre um ou mais problemas importantes da cidade, como, por exemplo, acesso ao transporte, criminalidade, condições precárias de moradia, alagamentos e disparidade social. O estudo do gênero enfatizou justamente essa disposição em denunciar as injustiças sociais.

Como textos motivadores, os alunos tiveram acesso a: uma imagem de um desenho de uma vista superior da Avenida Paulista (CAFFÉ, 2009, p. 4); a notícia “Prefeitura de SP derruba casas e multa moradores em R\$ 5 mil por ocupação de área irregular no Jardim Pantanal” (O Globo, fevereiro de 2025); um trecho de “Não existe amor em SP”, de Criolo (2011); e um trecho de

“Passarinhos”, de Emicida (2015). A leitura da coletânea foi feita de forma individual e os alunos deveriam acionar o próprio repertório crítico para fazer as composições. Também constavam na proposta orientações relacionadas ao planejamento, ao trabalho com a rima e com uso de linguagem expressiva por meio das figuras de linguagem. As redações foram lidas pela professora e devolvidas para os alunos com comentários sobre seus textos. A avaliação e a devolutiva focaram na adequação do tema, na apresentação da crítica e no uso de conotação em uma linguagem poética expressiva.

Com uma batida instrumental de *rap* ao fundo, tivemos a sessão de “mic aberto”, em que os alunos foram convidados a compartilhar suas produções, de forma ritmada, com a turma. Esse momento de compartilhamento da palavra é de fundamental importância quando se quer que a relação com o texto literário e a produção textual passe pelo prazer pelo texto. A opção de fazer com que este compartilhamento seja feito com a leitura em voz alta está relacionada à presença do corpo em sala de aula. A voz é uma moldura capaz de mobilizar mais afetos do que o texto lido em voz baixa, individualmente. É a leitura em voz alta que promove a partilha da palavra corporificada na voz de autor. No caso dessa produção especificamente, um *rap*, um texto poético, o procedimento torna-se ainda mais relevante para a experiência de fruição desencadeada pela atividade. O ritmo na voz, no corpo, na performance do teatro-sala de aula, coloca o texto em seu lugar de prazer. Para Paul Zumthor, “a performance é o único modo vivo de comunicação poética” (ZUMTHOR, 2018, p. 33), entendendo-se como “vivo” o que possibilita a presença ativa de um corpo que exprime. E, por meio do ritual coletivo na sala de aula, o texto poético pode ser apreciado na voz de seus autores.

Se admitimos que há, grosso modo, duas espécies de práticas discursivas, uma que chamaremos, para simplificar, de “poética”, e uma outra, a diferença entre elas consiste em que o poético tem de profundo, fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo: de um sujeito em sua plenitude psicofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer - ou ele cessa - o texto muda de natureza. (ZUMTHOR, 2018, p. 34).

O prazer se manifestava na vontade de performar. Muitos alunos aderiram às apresentações espontâneas e tivemos a necessidade de estendê-las por mais de uma aula.

Entre a primeira e a segunda produção do gênero *rap*, foi realizado um trabalho sobre polifonia e intertextualidade tendo como base a leitura de *Morte e vida severina* e as referências aos evangelhos de Lucas e Mateus – apresentados em fragmentos para os alunos com o desafio de encontrarem as referências no poema de João Cabral de Melo Neto. No Evangelho de Lucas, é narrado o nascimento de Jesus em condições muito humildes, em um estábulo, em meio aos animais e a visita de pastores avisados por anjos sobre o nascimento. No Evangelho de Mateus, são os magos do oriente, guiados por uma estrela, que visitam Jesus recém-nascido e lhe dão presentes.

Após a leitura, os alunos são orientados a reler algumas passagens do livro buscando as alusões aos evangelhos. Em seu papel de mestre de iluminação, a professora lembra os estudantes que *Morte e vida severina* é um *auto de Natal* pernambucano. Coletivamente, é feita a leitura do trecho do poema em que vizinhos anunciam o nascimento do filho de seu José, mestre Carpina:

— Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
Foi por ele que a maré  
esta noite baixou.  
— Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor  
e cada casa se torna  
num mocambo sedutor  
— E este rio de água cega,  
ou baça, de comer terra,  
que jamais espelha o céu,  
hoje enfeitou-se de estrelas. (MELO NETO, 2024, p. 126 – 128)

Os quatro últimos versos dessa passagem estão separados em uma página. À esquerda do verso, espaço em branco. Acima, a ilustração de Odyr, leitor/autor que ilumina sentidos no texto. Temos a representação de uma noite clara sobre um mangue com uma passarela rudimentar que leva a um mocambo sobre palafitas. Sobre essa passarela, há silhuetas humanas com objetos não identificados nas mãos.

É chamada atenção para a construção polifônica que aciona texto verbal e não verbal no livro. João Cabral de Melo Neto faz referência aos evangelhos. Odyr ilustra os versos do poeta retomando elementos visuais que fazem referência às passagens que mencionam pastores e magos do oriente que se guiam por uma estrela. Com isso, é apresentado o conceito de intertextualidade. Todo texto se constrói como mosaico de citações, “...todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

A segunda produção no gênero *rap* aconteceu no final do bimestre, depois da finalização da leitura de *Morte e vida severina* e do estudo sobre *intertextualidade*. Segue a situação enunciativa criada para mobilizar essa escrita:

#### Severinos do século 21

O rapper, compositor e cantor Emicida fará um álbum especial homenageando grandes poetas brasileiros, incluindo João Cabral de Melo Neto, autor da obra *Morte e Vida Severina*.

Como procedimento de criação, ele misturará versos de *Morte e Vida Severina* com criações novas coletivas. Sua ambição é fazer um grande rap polifônico, denunciando as injustiças enfrentadas por refugiados e migrantes do país, brasileiros ou estrangeiros, dialogando com as condições do Severino de João Cabral de Melo Neto. Segue o convite feito pelo artista:

“Vamos fazer um rap magistral, inesquecível, porque os Severinos estão aqui com a gente. Temos Severinos em muitos lugares, somos severinos, filhos de tantos outros Severinos e Marias. Quero vocês criando e cantando comigo. A ideia é intercalar trechos do poema com criações dessa galera que está lendo João Cabral nas escolas. Queremos trazer uma mensagem de esperança para todos os Severinos, como fez mestre Carpina, que explicou que o sentido da vida é a própria vida, o renascimento infinito que não deixa a gente desanimar.

Vocês devem criar o trecho inicial do rap, com as angústias e sofrimentos dos refugiados ou imigrantes que estão por aqui e que, em um momento de desespero, se perguntam qual é o sentido da vida diante de tanto sofrimento.

Eu vou cantar o trecho em que mestre Carpina dá a resposta para o Severino e para todos nós.

Vocês criam o início do rap, mostrando como é a vida de um Severino desses em primeira pessoa. Para colar bem com a minha parte, vocês precisam estabelecer relação de intertextualidade com esse trecho:

‘É difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,

vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida.

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida.

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida.’

(trecho da proposta de redação, autoria nossa, com citação de *Morte e vida severina* ao final)

Seguem dois fragmentos de produções de alunos:

“Vim de longe  
Minha terra é outra  
Correndo contra o meu destino  
Como guia, só a minha sombra  
O meu nome é Severino  
Tá ligado?  
Parti e não trouxe nada comigo.  
Complicado!  
Na noite fria, não tenho abrigo”.

“É difícil defender,  
só com palavras a vida  
saí da minha casa  
perdi minha família, mano  
Pessoas chegam em São Paulo  
Neste lugar só caem lágrimas”

Expressar, em polifonia, em uma escrita intertextual, as injustiças enfrentadas pelos deslocados fez com que os estudantes não apenas compreendessem o poema *Morte e vida severina*, mas o vivenciassem intimamente. Os versos de João Cabral de Melo Neto e as canções de Emicida tornaram-se próximos. A experiência criativa amplia as possibilidades de aprendizagem sobre a força de significado na expressão poética. Os estudantes se percebem como criadores de textos poéticos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme procuramos demonstrar, nos anos finais do Ensino Fundamental, o trabalho com a literatura concentra-se na formação de leitores literários. Diferentemente de outras etapas da educação básica, não se trata mais de um início de alfabetização ou aproximação do objeto livro, nem ainda de desenvolver habilidades consolidadas de análise literária aprofundada ou domínio de conteúdos próprios da teoria ou da crítica da literatura. A especificidade desse momento da formação conjuga um aprimoramento da capacidade de decodificação dos textos, de interpretação deles, o desenvolvimento da sensibilidade por meio do contato com a produção estética e o estabelecimento de relações de intimidade com o texto literário que possibilitem experiências prazerosas de leitura. Cria-se, assim, espaço para que o desejo pela Literatura - aquela à qual todas as pessoas têm direito, como afirma Antonio Candido - possa ser reconhecido, validado e nutrido.

A partir da leitura do poema *Morte e vida severina* em edição ilustrada e de um conjunto de produções literárias, artísticas e materiais de apoio, estudantes de oitavo ano tiveram sua intimidade com a literatura estimulada. O relato dessa experiência se articulou a reflexões sobre o potencial humanizador da literatura, a potência da intertextualidade e o papel da professora de Língua Portuguesa, que, abdicando da voz professoral, ilumina pontos de atenção, mobiliza repertórios e cria situações que potencializam o letramento literário ao propor o próprio fazer literário. Por fim, apresentando situações enunciativas específicas e excertos de produções dos estudantes, demonstramos como a experimentação com o lugar de autor é também estratégia potente na formação de leitores qualificados, sensíveis e disponíveis às transformações operadas pela Literatura.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Drik. *Luz*. Participação de Emicida e Rael. In: **Drik Barbosa**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.
- BARTHES, Roland. **Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios**. Lisboa: Presença, 1975.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 31 ago. 2025.
- CAFFÉ, Carla. **Av. Paulista**. São Paulo: Cosac Naify / Edições SESC SP, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CRIOLO. *Não Existe Amor em SP*. In: **Nó na orelha**. São Paulo: Independente, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Subirusdoistiozin*. In: **Nó na orelha**. São Paulo: Independente, 2011.
- EMICIDA. *Passarinhos*. Participação de Vanessa da Mata. In: **Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Principia*. Participação de Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário. In: **Amarelo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.
- HOOKS, bell. *Eros, erotismo e o processo pedagógico*. In: LOPES LOURO, G. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 113-124.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MC SOFFIA. **Minha Rapunzel tem dread**. [S.l.]: Independente, 2016. In: LetrasMus. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-soffia/minha-rapunzel-de-dread/>. Acesso em: 10 dez 2025.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**, adaptado e ilustrado por Odyr. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2024.
- MV BILL. *Junto e Misturado*. In: **Causa e efeito**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2010.
- NEGRA LI. **Black Money**. [S.l.]: ONErpm, 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=URL\\_DO\\_VIDEO](https://www.youtube.com/watch?v=URL_DO_VIDEO). Acesso em: 31 ago. 2025.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem – 8º ano\***. São Paulo: Moderna, 2023.
- PAULUS Editora. *Evangelho segundo São Lucas – capítulo 2. Bíblia Pastoral*. s.d. Disponível em: <https://biblia.paulus.com.br/biblia-pastoral/novo-testamento/evangelhos/evangelho-segundo-sao-lucas/2>. Acesso em: 31 ago. 2025.
- RASHID. *Nova Ordem*. Participação de Projota e Emicida. In: **Hora de acordar**. São Paulo: Independente, 2010.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.